

**IMAGENS E EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS:
UMA PESQUISA EM LIVRO DIDÁTICO DA EJA**

Izabel Raimundo da Silva
izabelpedagfj@yahoo.com.br
<http://lattes.cnpq.br/9825513488572296>

Maria Emilia Sardelich
sardelich@ce.ufpb.br
<http://lattes.cnpq.br/8436767321723519>

RESUMO

Este relato apresenta um recorte da pesquisa desenvolvida em um Trabalho de Conclusão de Curso, da graduação em Pedagogia, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A pesquisa se fundamentou no campo de estudo da Cultura Visual, a fim de problematizar o uso de imagens em livros didáticos. Em relação aos seus objetivos, trata-se de um estudo exploratório, efetivado por meio de pesquisa bibliográfica e a interpretação de um conjunto de imagens de material didático aprovado pelo Programa Nacional do Livro Didático para Educação de Jovens e Adultos (PNLD EJA) 2014 - 2016. O estudo conclui que o livro didático analisado utiliza as imagens como ilustração de modo descontextualizado, sem indicação para a interpretação nem discussão das mesmas. O conjunto de imagens analisadas neste estudo se conecta com a narrativa da expansão colonizadora europeia desde o século XVI, que alimenta a visão do homem branco, cristão, ocidental e continua representando mulheres e homens negros em condições de trabalhos pesados, enfatizando o processo de escravização e subalternidade.

Palavras-chave: cultura visual; educação das relações étnico-raciais; educação de jovens e adultos.

Como docentes estamos envolvidas no tempo/espaço em que vivemos, afetadas e instigadas por seus desafios. O universo visual exerce um fascínio sobre nós desde nossas infâncias, que aconteceram em momentos diferentes do século XX. Esse fascínio tem nos levado a estudar sistematicamente as imagens e alimentou esta pesquisa que se realizou nas fronteiras de três campos de estudo que são de nosso interesse: Cultura Visual, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Educação das Relações Étnico-Raciais. Nosso

objetivo foi o de conectar as representações de mulheres negras e homens negros em livro didático para EJA, de autoria de Almeida *et al* (2013), e problematizar essas imagens para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Usamos o verbo conectar no sentido de unir, ligar. Desse modo, buscamos entrelaçar nossas experiências de vida na interpretação dessas imagens a partir de uma “escrevivência” (Evaristo, 2003).

Sardelich (2019) destaca que o campo da Cultura Visual privilegia o contexto e não a universalidade da experiência visual. Segundo a tradição da Estética e História da Arte que se estabeleceu a partir do século XVIII na Europa, se prioriza o produtor e o objeto que se contempla desinteressadamente. De um modo diferente, os estudos da Cultura Visual dão ênfase ao olhar de quem vê. O olhar é construído socialmente, pois depende do que é representado e de como se apresenta essa representação. Desse modo, unimos o princípio de enfatizar o olhar de quem vê com a noção de escrevivência da escritora brasileira Conceição Evaristo. Evaristo (2003) entende a escrevivência como uma interação de várias vozes que emergem da experiência de vida das intérpretes e suas identificações de gênero/raça/sexualidade para incomodar os projetos injustos. São textos que buscam “[...] ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança [...] o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa” (Evaristo, 2003, p. 2). A autora enfatiza que a escrevivência se relaciona com diversas formas de escrita, não somente aquelas que se dão pelo alfabeto, mas também pelo corpo, pelo gesto, pela voz, pela oralidade. Consideramos que trabalhar com o conceito de escrevivência pode fazer emergir a “[...]fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido” (Evaristo, 2003, p. 6). Portanto, a interpretação das imagens selecionadas neste estudo se afastam do discurso especialista da Estética e História da Arte ocidental, dos dados biográficos e da análise formal da linguagem visual, para tecer uma escrevivência a partir de nossos posicionamentos de gênero/raça/sexualidade.

Para os estudos da Cultura Visual a visão é entendida como a operação física e a visualidade como fato social, o modo de olhar socializado, porém esses conceitos não se opõem, pois “[...]o modo como olhamos que está condicionado pelos mecanismos da visão, como também pelo que nos fazem ver” (Sardelich; Garcia; Alves, 2016, p. 159-160). O que nós vemos está carregado de intenção, por isso Hernández (2007) destaca que é preciso

um distanciamento da própria realidade para poder pensar sobre as nossas próprias ideologias e a de outros. Nesse sentido, o sujeito pode pensar sobre sua realidade a partir de perguntas tais como: como estou sendo representado? Como é contada a minha história? O que vejo de mim? As imagens constroem narrativas, formas de se relacionar com o mundo e como as coisas são pensadas. O autor chama a atenção para uma forma de narrativa presente na escola, no campo educacional, que tende à naturalização, uma forma de pensar que parte da ideia de que as coisas são como são porque sempre foram assim e não devem ser mudadas, como por exemplo, o modo de agrupar os alunos por idade, um único docente trabalhar com um grupo de alunos, o espaço da sala de aula ser fechado.

Ainda em relação às representações, Passos (2018) observa que a história das mulheres, das esposas, das servas, vem sendo sistematicamente apagada, porque o destaque é sempre para o homem branco. A autora questiona o que significa incluir a diversidade cultural brasileira apenas nas datas comemorativas escolares. Será que se pensa na pessoa como se sua existência fosse importante? Se a diversidade está presente em todos os lugares e tempos, por que alguns sujeitos são esquecidos? Quando e onde os sujeitos negros, mulheres, deficientes, estão sendo representados? Qual é a maneira pela qual estão sendo vistos? Talvez o local de visibilidade desses sujeitos possa, de alguma forma, aumentar e reforçar a exclusão. Como educadoras, temos que estar atentas às imagens e falas estereotipadas, preconceituosas, para desenvolver conversas que desconstruam essa história única e apresentemos uma diversidade que envolva narrativas emancipatórias. No processo de escrita e seleção de imagens de qualquer texto ocorre um recorte dos fatos e pessoas registradas. Por isso vale a pena perguntar: quem fica inscrito na História? De que maneira fica inscrito na História? Quais os estereótipos que se fixam na escrita dessa História?

A partir desse posicionamento teórico olhamos para as imagens do livro de autoria de Almeida *et al* (2013). Apesar do livro não ofertar nenhuma etapa, unidade ou capítulo à Educação das Relações Étnico-Raciais, consideramos que esse conteúdo está disperso pelos seus vários capítulos. Foi desse modo que iniciamos uma aproximação às imagens, tratando de conectar as representações de negras e negros. Olhamos para as imagens

sem distinção de categoria, fossem imagens da arte ou da mídia, do passado e do presente, mas que pudessem se abrir para uma reflexão sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais. Esse exercício de conexão e intertextualidade das imagens estimulou a escrevivência. Um grupo de imagens, que representam negras e negros, capturou imediatamente nosso olhar e percebemos que esse grupo de imagens foi produzido somente por dois artistas: Jean Baptiste Debret (1768 – 1848) e Johann Moritz Rugendas (1802 – 1858). Neste relato comentaremos apenas quatro imagens desse grupo.

Jean Baptiste Debret (1768-1848) foi um artista, desenhista, pintor, francês, que veio ao Brasil em 1816, integrando a chamada Missão Artística Francesa, trazida ao Rio de Janeiro na época em que Dom João VI de Portugal (1767-1826) e a corte portuguesa se instalaram na cidade, fugidos pela invasão de Napoleão Bonaparte (1769-1821). Dentre as várias imagens que Debret produziu durante sua estadia no Brasil, as mais reproduzidas são as 150 que compõem os três volumes da *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, que foram publicados em Paris, entre os anos de 1834 e 1839. As imagens do primeiro volume representam o olhar do artista sobre os povos indígenas, com muitos detalhes de matas, plantas, objetos utilizados pelos indígenas, seus locais de moradia. As do segundo volume lançam um olhar sobre a população negra escravizada e no terceiro volume cenas do cotidiano, de manifestações culturais, festas e tradições daquele momento histórico.

Johann Moritz Rugendas (1802-1858), filho do também gravurista Johann Lorenz Rugendas II (1775-1826), nasceu na cidade de Augsburg, no território que hoje se denomina Alemanha. Rugendas cresceu no meio de artistas e se formou como pintor na Academia de Belas Artes de Munique. Participou da Expedição Langsdorff, que esteve no Brasil entre os anos 1822 e 1828, e trouxe um grupo de estudiosos da época que percorreram 17 mil quilômetros pelo interior do país. Rugendas abandonou a expedição em 1824, mas seguiu registrando aquilo que via no território brasileiro da época, passando por Mato Grosso, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Ao retornar à Europa, publicou sua obra *Viagem Pitoresca Através do Brasil*, em 1835.

No livro didático de Almeida *et al* (2013) as imagens de Jean Baptiste Debret e Johann Moritz Rugendas, que foram produzidas na primeira metade do século XIX, estão

distribuídas por vários capítulos. Assim sendo, as mesmas serão comentadas pela ordem em que aparecem ao longo das páginas do livro.

Figura 1. *O colar de ferro, castigo dos negros fugidos* (1834), de Jean Baptiste Debret (1768 – 1848)



Fonte: Almeida et al, 2013, p. 91

No livro de Almeida *et al* (2013) essa imagem de Debret ocupa aproximadamente um terço da parte superior esquerda da página 91 e ilustra um conto de Machado de Assis (1839 – 1908), intitulado *Pai contra mãe*. O conto de Machado de Assis é indicado como atividade de leitura do capítulo sete. Chamou a atenção a falta de contextualização da autoria tanto em relação ao texto literário quanto ao visual. Não há nenhuma indicação em relação ao conto de Machado de Assis, publicado em 1906, no livro *Relíquias da Casa Velha*, narrado em terceira pessoa e ambientado no Rio de Janeiro dos tempos do Império, descrever os “ofícios e aparelhos” (Assis *apud* Almeida et al, 2013, p. 90) da escravidão. Os aparelhos descritos por Machado de Assis são “[...] o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres” (Assis *apud* Almeida et al, 2013, p. 90). Do mesmo modo que Machado de Assis vai descrevendo os aparelhos da escravidão, as

imagens de Debret estão inseridas entre as páginas do conto como uma descrição visual desses aparelhos. Não há nenhuma indicação para a interpretação ou discussão dessas imagens. Sem dúvida essas imagens podem ilustrar esse conto de Machado de Assis, mas é necessário destacar que ainda é possível sentir o peso desse ferro que permanece sobre a população negra.

Figura 2. *Máscara que se usa em negros que têm o hábito de comer terra* (1820-1834), de Jean Baptiste Debret (1768 – 1848).

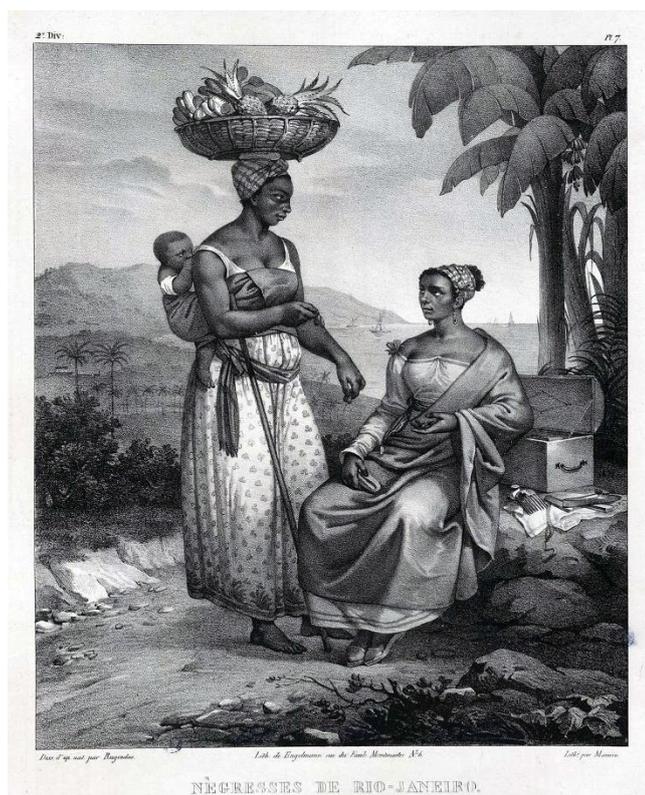


Fonte: Almeida et al, 2013, p. 92

A segunda imagem que ilustra o conto de Machado de Assis é *Máscara que se usa em negros que têm o hábito de comer terra* (1820-1834), de Jean Baptiste Debret. No conto, Machado de Assis não menciona o hábito de comer terra, mas que “A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca” (Assis *apud* Almeida et al, 2013, p. 90). A imagem de Debret não faz referência ao suposto vício de embriaguez indicado no conto em questão, mas se refere à outra forma de suplício praticada contra a população negra escravizada. Segundo Schwarcs; Gomes (2018) a máscara era um castigo utilizado em cativos rebeldes e “[...]desenhada para evitar o banzo, uma forma de suicídio lento e doloroso que consistia em ingerir terra até a morte (Schwarcs; Gomes, 2018, p. 77).

A terceira imagem que ilustra o mesmo conto é *Negras do Rio de Janeiro* (1835), de Johann Moritz Rugendas (1802 – 1858). No livro didático a imagem se localiza no canto inferior direito da página 93, ocupando aproximadamente um terço da página, ao lado da parte do conto em que um dos personagens é gratificado pela captura de uma escrava fugida.

Figura 3. *Negras do Rio de Janeiro* (1835), de Johann Moritz Rugendas (1802 – 1858).



Fonte: Almeida *et al*, 2013, p. 93

Uma vez mais o uso da imagem foi descontextualizado, pois Rugendas representa duas mulheres negras que, aparentemente, estão em uma relação de compra e venda. A imagem representa uma mulher em pé que carrega uma criança amarrada nas costas e um cesto de frutas na cabeça. A mulher sentada parece vender alguns objetos, acessórios femininos, e está numa postura de mulher de posses, pois está calçada. A mulher em pé, que carrega uma criança nas costas e que possivelmente está comprando os acessórios, apresenta-se descalça, o que indica sua condição de escravizada. Schwarc; Gomes (2018) esclarecem que é comum referir-se aos escravos no gênero masculino, mas que deveríamos utilizar a expressão pessoas escravizadas. Os autores também informam que

se costuma desconsiderar a vida das mulheres escravizadas, que eram violentadas, mesmo grávidas submetidas a trabalhos forçados e não podiam ficar com seus filhos, muitas vezes para amamentar os filhos daqueles que as escravizavam. Esses autores destacam o papel relevante das mulheres negras escravizadas que atuaram pela libertação, indicando que muitas mulheres negras que conseguiam realizar um trabalho de comércio, tendo sido ou não alforriadas, eram as responsáveis por levar e trazer mensagens sobre rebeliões ou acobertar escravizados fugidos. Quais mensagens poderiam ser trocadas no entreolhar-se dessas mulheres?

Figura 4. *Mercado de escravos no Rio de Janeiro* (1835), de Johann Moritz Rugendas (1802 – 1858).



Fonte: Almeida *et al* (2013), p. 219

A quarta imagem destacada, de autoria de Rugendas, ocupa a metade superior da página 219, do quarto capítulo, da etapa 2, intitulado *Negros: denúncias expressivas*. Esse capítulo do livro de Almeida *et al* (2013) está dedicado à Literatura, principalmente às obras românticas do século XIX, enfatizando a obra de Castro Alves (1847-1871) e um

trecho do romance *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães (1825 – 1884). Em *Mercado de escravos no Rio de Janeiro* (1835), podemos observar, no ângulo esquerdo inferior da imagem, uma pessoa negra que registra, escreve, desenha, algo na parede. O que desenharia, escreveria, registraria essa pessoa? Seria uma mensagem para alguém em especial? Alguém de quem foi separado? Alguém que passaria por esse lugar depois? Que mensagem seria? Talvez, seja a mensagem que nos falta, a mensagem que possa nos contar sobre o processo de escravização dos africanos sob um outro olhar que não o da narrativa hegemônica do homem branco, cristão e ocidental.

As quatro imagens comentadas são utilizadas como ilustrações descontextualizadas do texto que as acompanham, como também no livro como um todo. Essas imagens carregam muita História não contada e poderiam ser aproveitadas para fomentar uma discussão sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais, pois

Será que as autoras e os autores dos livros que lemos prestaram atenção nesses aspectos? Será que as relatoras e os relatores de episódios históricos não tinham seus clichês, seus estereótipos e seus preconceitos que influenciaram no trabalho de escrita? Podem essas coisas influenciar a forma como vemos e aprendemos sobre o mundo? É preciso que educadores e pesquisadores se atentem às imagens tendenciosas passadas pela historiografia tradicional e incorporem outras narrativas mais diversas nos materiais didáticos e demais produções, envolvendo diferentes tipos de gentes e histórias (Passos, 2018, p. 50).

As imagens de Jean Baptiste Debret e Johann Moritz Rugendas selecionadas no livro de Almeida *et al* (2013) apresentam-se em um cenário que reforça os clichês, estereótipos e preconceitos sobre a população negra. A reprodução constante dessas imagens descontextualizadas alimentam o que Passos (2018) advertiu sobre a forma como vemos e aprendemos sobre o mundo.

Os estudos sobre Cultura Visual nos ensinam que as imagens estão carregadas de significados. Na seleção de imagens, seja para uma aula, uma exposição, um livro didático, deve-se ter o cuidado de refletir sobre como essas imagens se associam a determinadas narrativas e ou podem construir outras narrativas, formas de se relacionar com o mundo e como as coisas são pensadas. Quais as narrativas que queremos construir para a Educação das Relações Étnico-Raciais?

A Resolução CNE/CP nº 1/2004, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (Brasil, 2004) apontam para o cuidado que docentes e materiais pedagógicos devem ter para não reproduzirem estereótipos e preconceitos tanto em situações de aprendizagem quanto nos livros didáticos, especialmente os livros contemplados pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD).

A reflexão que foi possível fazer a partir desse conjunto de imagens presentes no livro de Almeida *et al* (2013) conclui que este conjunto não ganhou destaque como texto visual, mas somente como ilustração do conteúdo apresentado em alguns capítulos do livro. Não encontramos nenhuma indicação das autoras para a interpretação ou discussão dessas imagens. Também notamos a falta de contextualização das mesmas. São imagens tendenciosas, enviesadas, reforçadas por uma historiografia tradicional que não incorpora outras narrativas. Remarcam o clichê das mulheres negras e homens negros representados de forma subalterna, sempre em condições de trabalhos pesados, enfatizando a servidão e a inferioridade.

Esse conjunto de imagens e o conteúdo à elas relacionado no livro comentado nos leva a questionar por que não apresentar nos livros didáticos, de qualquer modalidade educativa, imagens de artistas como Maria Madalena Santos Reinbolt (1919–1977), Isabel Mendes da Cunha (1924), Yêdamaria (1932-2016), Cícera Lira (1935), Maria Auxiliadora da Silva (1935–1974), Raquel Trindade (1936-2018), Edsoleda Santos (1939), Maria Lídia Magliani (1946-2012), Noemisa Batista dos Santos (1947), Sonia Gomes (1948), Lita Cerqueira (1952), Eneida Sanches (1962), Rosana Paulino (1967), Aline Motta (1974), Ana Lira (1977), Lídia Lisboa (1977), Renata Felinto (1978), Janaina Barros (1979), Priscila Rezende (1985), Tainá Lima (1990), Silvana Mendes (1991), Yasmin Thainá (1993), Helen Salomão (1994), entre tantas outras que tem produzido visualmente? Apresentar qualquer imagem dessas mulheres, dentre tantas outras de artistas negras brasileiras, requer organizar uma outra narrativa, a partir de outro ponto de vista, a do olhar da ressignificação e identidade da população negra como produtora da Cultura e da História.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Neide Aparecida de, *et al*. **Linguagem e culturas: linguagens e códigos: ensino médio: educação de jovens e adultos**. São Paulo: Editora Global, 2013.

BRASIL. **Resolução CNE/CP n. 1/2004**: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2004.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: SEMINÁRIO NACIONAL X MULHER E LITERATURA – I SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA. Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 2003.

HERNANDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual**: propostas para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

PASSOS, Lara. Como representamos? Analisando as narrativas tradicionais. In: RIBEIRO, Leredana; MILHEIRA, Rafael Milheira (org.). **AMAAnaque do Pluricentenário de Pelotas**: textos sobre patrimônio, arqueologia, identidade e outros temas. Pelotas: Programa de Pós-Graduação em Antropologia PPGAnt/UFPel, 2018. p.46-56.

SARDELICH, Maria Emilia. Autobiografias Visuais: uma revisita aos repertórios culturais de licenciandas em formação. In: ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares; SITJA, Liége Maria Queiroz. (Org.). **Entre-Linhas**: Educação, Psicanálise e Fala. Salvador: EDUFBA, 2019, p. 191-219.

SARDELICH, Maria Emília; GARCIA, Ana; ALVES, Bianca Taiana S. L. Cultura Visual no Brasil: um panorama sobre a construção do campo de estudo. **RDIVE, Revista Discurso & Imagem Visual em Educação**, João Pessoa, v.1, n. 1, p. 158-175, jan./jun., 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rdive/article/view/30407> Acesso em: 13 abr. 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade**: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOBRE AS AUTORAS:

Izabel Raimundo da Silva - Licenciada em Pedagogia, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), área de aprofundamento Educação de Jovens e Adultos (EJA). Voluntária no Projeto de Iniciação Científica A Cultura Visual no Brasil: o estado do conhecimento. Integra o Grupo de Pesquisa Ensino das Artes Visuais, da UFPB, na linha de pesquisa: Cultura Visual e Educação para as Relações Étnico-Raciais.

Maria Emilia Sardelich - Doutora em Educação, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora adjunta da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Centro de Educação (CE), Departamento de Metodologia da Educação (DME). Pesquisadora permanente do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPB e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Linha de pesquisa: Processos Educacionais em Artes Visuais. Atua na área de Didática e Ensino de Arte, cursos de Licenciatura, modalidades presencial e a distância.